

ONIRODRAMA CONSTRUTIVISTA COM CASAIS.

Julia Verónica Rodríguez Hernández.
Ana Maria F. Zampieri - PUC-SP

Resumo

A partir da constatação, em psicoterapia individual, da força e relevância das imagens visuais produzidas pelos pacientes, frente a exercícios de exploração do imaginário realizou-se um estudo teórico vivencial para implementar uma técnica apropriada para a exploração das imagens oníricas em terapia conjugal. Trabalhou-se com a técnica aqui denominada Onirodrama Construtivista com Casais, tendo como fundamento o Psicodrama e o Construtivismo Social. Discorre-se teoricamente sobre a capacidade humana de criar imagens, significados, possibilidades e aprisionamentos. Foram realizadas sete experiências com três casais. Considera-se que houve um bom desempenho da técnica uma vez que permitiu observar o entrelaçamento dos processos na relação conjugal. Oferecem-se comentários sobre estas experiências.

Abstract

Based on the observation, in individual psychotherapy, of the strength and relevance of visual images produced by the patients, through exercises of the imaginary exploration, a theoretical life experience study was performed to implement a proper technique, called here Constructivist Onirodrama With Couples, having as a background the Psychodrama and the Social Constructivism. The human ability to create images, meanings, possibilities and imprisonments is discussed theoretically. Seven experiments with three couples were performed. It is considered that there was a good performance of the technique, since it permitted the observation of the processes involvements within the conjugal relationship. Comments are offered on these experiments.

Key words: Psychodrama, Dreams, conjugal Therapy.

INTRODUÇÃO

Frente a exercícios de exploração de imagens visuais em psicoterapia individual foi possível observar a singularidade e a força com que estas se impõem, apresentam-se como uma realidade sólida, que toma forma e poder de realidade. Revelam no imaginário um ser humano criador de seus próprios limites, encarceramentos e possibilidades.

Perguntamo-nos: como o poder do imaginário se revela nas imagens produzidas por parceiros numa relação conjugal? Que instrumento poderia nos auxiliar para esta observação? Considerando a relevância que a dimensão do imaginário adquire nas relações de longa duração e a importância da relação conjugal na terapia familiar focalizamos o estudo visando uma intervenção em terapia conjugal.

Humberto Maturana e Francisco Varela (1995) propõem uma teoria unitária que visa explicar a percepção, o operar do sistema nervoso, a organização do ser vivo e o conhecimento autoconsciente e afirmam nossa condição de seres geradores de mundo, pois nossa apreensão do mundo esta indissolivelmente ligada a nossa estrutura. O conceito de *clausura cognitiva* refere-se a nossa condição de sermos na linguagem e a noção de que ésta constitui uma maneira de ver, bem como uma maneira de selecionar e velar o que vemos e o que não vemos. Para Michel White (1993) é impossível apreender objetivamente a realidade e que esta apreensão depende do receptor, entende que fazemos sempre uma *interpretação* da realidade. Propõe a Teoria Interpretativa e a analogia do *relato* ou das *narrativas* que criamos como *leitores ou escritores* do mundo que experienciamos. Deste modo podemos entender que as relações familiares e sociais evoluem como um processo de leitura e escrita de textos.

Utilizamos o conceito *co-imaginário* para referirmo-nos ao sistema de idéias, mitos, valores, crenças, modos de conceber e descrever realidades dentro do sistema conjugal e noutras relações de longa duração, que englobam fenômenos conscientes e inconscientes.

OBJETIVOS

Este estudo objetivou avaliar a utilidade do instrumento proposto (Onirodrama Construtivista com Casais) e buscar subsídios para mudanças ou aperfeiçoamentos que se revelassem necessários.

MÉTODO

Utilizou-se o método de representação de sonhos, (Onirodrama) que faz parte do método Psicodramático criado por Jacob Levi Moreno e propõem-se variações visando os objetivos. O Psicodrama e sua teoria dos papéis é conhecido pela sua fértil metodologia que propicia excelentes condições para a observação e a pesquisa qualitativa, bem como para a intervenção terapêutica. O Onirodrama, tal como proposto por Moreno, pode ser descrito nas seguintes etapas:

No Aquecimento Específico para esta vivência, buscam-se as lembranças do dia anterior ao sonho, até o momento em que o paciente vai dormir.

- A seguir pede-se para descrever e configurar na sala de atendimento o lugar onde dorme, posição, hábitos, horários, etc;
- Pede-se ao sonhador para deitar e se acomodar da maneira como costuma dormir, propicia-se um breve relaxamento fechando os olhos, para retomar o sonho;
- Solicita-se que atualize as imagens do sonho, que as torne presentes como se começasse a sonhar de novo;
- Quando as imagens foram atualizadas pede-se para abrir os olhos e situar o seu sonho no espaço concreto da sala, agora um espaço onírico;
- Uma vez configurado o ambiente do sonho e os personagens no cenário, começa-se a representação propriamente dita;
- Quando termina a representação do sonho, pede-se ao sonhador para estender o sonho e a representação segundo lhe pareça melhor. (Criar novas imagens e a sua representação)

O procedimento que propomos no Onirodrama Construtivista com Casais:

- Nesta vivência contamos com a participação do marido como Ego Auxiliar quando é a esposa que está representando o seu sonho e a participação da esposa como Ego Auxiliar quando é ele que representa o seu;
- Quando termina a representação de um sonho, pede-se aquele que até este momento esteve como observador participante, para realizar uma mudança no sonho do outro, (criar novas cenas) segundo lhe pareça melhor ou da maneira como gostaria participar do mesmo;
- Continua-se a representação com a extensão, construída pelo parceiro;
- Uma vez terminada a representação do primeiro sonho propicia-se um tempo para comentários e elaborações da vivência;
- Realiza-se o mesmo procedimento com o parceiro que ainda não apresentou seu sonho;
- Ao final abre-se oportunidade para elaborações e comentários sobre o último sonho e sobre a experiência em geral.

SUJEITOS

Foram convidados três (3) casais do meio social da pesquisadora, eles não se encontravam em terapia conjugal nem individual. Solicitamos que cada parceiro tivesse pelo menos um sonho com seu conjugue.

Nos referiremos aos casais por um número correspondendo apenas à ordem em que se realizaram as experiências.

O casal número 1 Álvaro e Sara: ambos com 44 anos, 23 anos de casados e três filhos.

O casal número 2 Felipe e Lúcia: 42 anos ele e ela 38 anos, 17 anos de casados e três filhos.

O casal número 3 Paulo e Cristina: ambos com 28 anos, 3 anos de casados e ela grávida de quatro meses.

Os nomes foram mudados para proteger a privacidade dos voluntários.

DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Realizamos sete Onirodramas Construtivistas com Casais, os quais nos oferecem a oportunidade de observar o desempenho da técnica e a aplicação dos conceitos psicodramático e sistêmicos propostos para a compreensão de alguns fenômenos que ocorrem nas estreitas interações da relação conjugal. Faremos uma análise de cada Onirodrama a luz dos conceitos de *co-imaginário*, *clausura cognitiva* e *o conceito de novas narrativas*.

Vejamos o sonho de Sara, do casal nº 1. Ela sonha que Álvaro não pode ajudá-la a salvar sua filha que caiu no mar, pois parece estar preso, paralisado ou deformado. Este sonho tinha sido muito marcante e perturbador para Sara o que pode ser observado inclusive na sessão, apesar de ser um sonho antigo. Pedir para que o filho pule no mar revoltado sem saber nadar direito, esta significando: “estou arriscando perder meus dois filhos”. Após a representação e a inversão de papéis, Álvaro realiza uma nova versão para o sonho, dizendo: “não entro na água, pois não é uma conduta racional, não sei nadar”. Após a representação e um silêncio, Sara descreve “o que precisava fazer sozinha: estimular o filho para o crescimento, acreditar que ele poderá sair inteiro”. Quando constroem este significado, ela parece mais calma e Álvaro mais aliviado de não parecer ausente. Assim sua versão confirma a conduta no sonho de Sara. Não muda a conduta, muda o significado, a *leitura*. Re-significam o sonho, bem como a relação de Sara com seu filho Cláudio e relacionam o texto onírico ao contexto familiar.

Poderíamos dizer então que para o sonho de Sara foi *construída uma nova leitura para sua experiência*.

No Onirodrama do sonho de Álvaro vemos que ele não consegue ver o rosto de uma jovem de cabelo loiro e comprido que ele está paquerando, ele se inquieta com isto, ao mesmo tempo em que, se sente fascinado e continua olhando-a. Na sessão está ansioso e relata rapidamente o sonho até seu desfecho, momento do sonho em que reconhece que a jovem é Sara. Para ele o sonho significa: “mesmo que procure, encontraria ela de novo”. Inicialmente Sara entende o sonho como uma intenção de traí-la. Álvaro temia esta interpretação e correspondeu com a leitura inicial dela. Após a dramatização, isto é, a representação dos papéis oníricos, aqui e agora, ela compreende o significado e o papel que seu marido lhe atribui no seu próprio sonho e compartilha com prazer desta experiência. Ela faz uma *nova leitura ou descrição do sonho*.

No casal nº 2, na dramatização do terceiro sonho, Felipe esta em um lado da praça e Lúcia no outro, distante, sente-se muito sozinho e com medo de ser rejeitado por Lúcia. Não sabe que significa seu sonho, mas lhe parece que tem algo a ver com morte. Quando Felipe inverte papel com Lúcia, percebe que ela está esperando que ele se aproxime. Por outro lado quando pedimos a Lúcia para realizar uma mudança no sonho dele, ela confirma uma posição de espera e no papel dele introduz a conduta complementar “eu atravesso o jardim e vou até ela”. Neste ponto Felipe realiza esta nova versão de seu próprio sonho, sente-se “encorajado para quebrar essas barreiras”. Desloca-se na sala e se aproxima dela. Felipe tinha dado o significado de morte a profunda sensação de solidão e distância, no curso da representação constroem um novo texto. Surge a dúvida de como isto têm a ver com a relação deles. Na próxima representação isto se esclarece.

Lúcia representa seu sonho, ela está voando, pede para Felipe voar, ele não consegue, insiste, diz: “você é bobo, não tem coragem de subir”, depois perde altura e está caindo, ele a recebe para que ela não se machuque, ela diz se sentir protegida. Lúcia faz uma leitura do episódio dizendo “parece que precisou eu cair para ficar com ele” Solicita-se a Felipe que faça uma mudança no sonho de Lúcia, a resposta dele é: “tentaria voar”. Isto é aceder ao pedido dela. Esclarecida a possibilidade de mudar o sonho, ele opta por não voar e dissuadi-la, confirmando o papel que Lúcia lhe adreuve no sonho. Ele afirma que faz um esforço para participar nas coisas que são do interesse dela e que considera necessário ceder numa relação conjugal. Neste momento, Lúcia revela que

estava *blefando* na representação do sonho anterior, ao dizer “estou esperando” pois sabia do sofrimento dele. Isto se torna crucial, pois Felipe não percebera. Ela percebe sua atitude e se pergunta: “por que não vou ao encontro dele?”. Considerando que ela se descreve como *pirracenta* no começo do namoro e do casamento, as significações compreendidas na representação e os sentimentos dele no seu sonho podemos considerar que está estabelecido no âmbito *co-imaginário* um complexo padrão de comportamento em que Felipe é ativo e mais responsável por proteger e se aproximar, em quanto Lúdia é mais passiva neste aspecto. Poderíamos dizer que a linguagem que faz possível a autodescrição e a identidade, como afirmam Maturana e Varela, pode ser observada neste Onirodrama. Os sonhos deste casal parecem revelar uma realidade co-construída bem como sua *clausura cognitiva*, especialmente se considerarmos que são sonhos repetitivos do casal.

O casal nº 3 representa primeiro o sonho dela. Ela perde 4 bolsas num estádio e seu marido volta e pega só três. Paulo introduz uma nova versão, volta para pegá-las, embora na vida real pudesse *ficar muito bravo*. Volta contra o fluxo das pessoas e deixa Cristina mais perto. Desta re-escritura Cristina diz se sentir *amada*. O sonho dele é descrito como particularmente agradável e belo, ele vê uma criança, uma menina numa espécie de planeta, chama sua esposa para compartilhar o que vê na janela. A mudança que ela introduz é ver um menino. A pesquisadora pergunta se busca agradar o marido ao ver um menino e não uma menina. Eles não concordam. Vem esta mudança como uma maneira de tornar mais completa a alegria do sonho. (A pesquisadora lança esta pergunta considerando o seu comportamento constante de perguntar tudo para ele, pedindo confirmação). Podemos dizer que houve uma mudança na imagem e não no significado. Poderia-se dizer que no âmbito co-imaginário Paulo e Cristina realizam uma autodescrição de si mesmos como um casal feliz e sem conflitos.

Cristina tem mais um sonho, vejamos para fazer uma análise conjunta. No sonho Cristina se vê desvalorizada por outras mulheres que paqueram Paulo. O vê indiferente a elas. Paulo confirma que esta seria sua conduta e faz outro texto dizendo que gostaria que “ela ficasse como se as moças não existissem”. Na representação do sonho com esta mudança, Cristina sente-se impossibilitada para efetivá-la, apesar das tentativas não consegue, diz que talvez seja “porque estava nervosa, grávida e barriguda”. Ele diz “é a reação normal dela”. Neste Onirodrama Cristina não pode realizar uma *nova narrativa* ou representar ou construir o sonho de outra forma, no entanto Paulo chega a uma *nova descrição* ou *nova leitura* do comportamento dela dizendo “Eu percebi quanto é difícil para ela não ficar ansiosa e a dificuldade de sentir diferente”.

É interessante notar que, há vários episódios em que podemos observar uma boa previsão do comportamento do parceiro, o poderíamos entender na linguagem psicodramática como boa capacidade de inverter papéis. Parece revelar-se assim nas confirmações do comportamento que os parceiros realizam, no sonho nº 1,2,4,5e 7. Alguns exemplos: No sonho de Sara temos que Álvaro não entra na água e ele diz que não entraria; Álvaro diz que temeu que ela não compreendesse o sonho e ela vê uma intenção de traição; no sonho de Lúdia, Felipe não voa e pede para ela descer e ele diz, na sua intervenção: não vou voar e a dissuade para descer; no último sonho de Cristina, ela vê seu marido indiferente às mulheres do restaurante e ele diz na sua intervenção que seria esse seu comportamento e esperaria que ela não se importasse.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos considerar que embora exista uma sequência ordenada e recomendável para realizar o Onirodrama e o Onirodrama Construtivista com Casais, cada terapeuta poderá dirigi-lo omitindo alguns passos, conforme a necessidade maior ou menor de aquecimento para a ação psicodramática.

O Onirodrama Construtivista com Casais parece-nos que adquire uma dinâmica diferente daqueles realizados em terapia individual ou em grupo, uma vez que o personagem importante que está no sonho, neste caso o conjugue, é o mesmo que está como Ego Auxiliar na representação. No ato psicodramático isto possibilita a diferenciação da figura real do parceiro da imagem onírica. Podemos ver Felipe no sonho número 3 re-significar a cena onírica em que sente sozinho e rejeitado e passa a sentir-se encorajado pela diferenciação que estabelece entre o seu sonho e a percepção que obtém quando inverte papel e a descrição de Lúdia da sua própria atitude. O método psicodramático mostrou-se excelente para estabelecer estas diferenciações no sistema conjugal.

No Onirodrama como proposto por Moreno, busca-se uma continuação do sonho a partir do final. No onirodrama Construtivista com Casais, solicitou-se uma mudança deixando livre sua inserção. As intervenções foram variadas neste sentido, quando não simplesmente se mudou o significado ou leitura da ação.

Esta técnica parece-nos um instrumento interessante para a busca das significações construídas na relação, considerando que trabalhar com sonhos implica sair do cotidiano e dos conflitos presentes na relação para trabalhar com as imagens oníricas e com o seu rico simbolismo.

Observou-se que estas vivências mostraram-se úteis para os três casais voluntários, lançamos a hipótese que este benefício pode estar relacionado às características do instrumento e a conseqüente oportunidade que tiveram de des-construir e co-construir novas imagens e ou *narrativas* para suas experiências.

Entendemos que esta técnica mostrou-se útil para revelar o *co-imaginário*, quer dizer, as concepções, valores, significações, mitos, crenças e a interdependência das construções no sistema conjugal, que podem ou não ser conscientes, tal como se apresenta no sonho 3 e 4 de Felipe e Lúcia e 5,6, e 7 de Paulo e Cristina. No Onirodrama 1 e 2 pudemos observar que não houve uma mudança nas cenas, mas uma nova *descrição*, uma nova *leitura* das imagens. O último Onirodrama parece-nos revelar as limitações e possibilidades do momento dos parceiros e do sistema conjugal.

Para participar da nossa vivência, solicitamos que cada parceiro voluntário tivesse pelo menos um sonho um com o outro, dadas as características do estudo; no entanto, consideramos que, no trabalho clínico, isto não necessariamente deva ser uma exigência, pois mesmo que seja um sonho, este pode representar uma porta de acesso ao *co-imaginário* do sistema conjugal.

Palavras chaves: Psicodrama, sonhos, terapia conjugal.

BIBLIOGRAFIA:

- MATURANA, H & VARELA, F. *A Arvore do Conhecimento*. Campinas: Ed. Psy,1995.
MORENO, J.L. *Hipnodrama e Psicodrama*. São Paulo: Ed. Summus, 1984.
_____. *Psicoterapia de Grupo e Psicodrama*. Campinas: Ed. Psy,1993.
MOREY, C. *Sonho Acordado Dirigido*. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1974.
NAFFAH, A. *Descolonizando o imaginário*. Brasília. Ed. Brasiliense, 1978.
SEIXAS, M. *Sociodrama Familiar Sistêmico*. São Paulo. Ed. Aleph, 1992.
WHITE, M. & EPSON, D. *Médios Narrativos para Fines Terapêuticos*. Espanha: Ed. Paidós,1993.
WOLFF, J. *Sonho e Loucura*. São Paulo. Ed. Ática, 1987.

Julia Verónica R.Hernandez

E-mail: Julia_hernandez@ig.com.br

Ana Maria F. Zampieri

anamfzampieri@uol.com.br